HOMENS INSÍGNES DE QUIXERAMOBIM(*)

JOÃO SARAIVA LEÃO

Faz menos de um ano que esta cidade se engalanou para festejar, com brilho invulgar, o segundo centenário da fundação da paróquia. Todo o Município se movimentou. E o lídimo filho da terra, a sua expressão mais vigorosa — o vaqueiro — enfileirou-se, nesta vasta praça, no seu indumento característico, para mostrar aos visitantes, que foram muitos e de tôda parte, no garbo do seu porte, na fôrça dos seus músculos, na rijeza dos seus traços, o tipo distintivo do sertanejo, que, no feliz dizer de Euclides da Cunha, é, antes de tudo, um forte, e, no de Álvaro Fernandes, a matéria prima, o barro plástico, o sólido cimento de nossa nacionalidade.

Tôda a sua história gloriosa foi recapitulada, desde o assentamento da fazenda de Antônio Dias Ferreira à feitura da capela e ao alevantamento da grande matriz, marco imarcessível da crição da paróquia.

Hoje, meus senhores, Quixeramobim comemora outra data não menos importante. Faz cem anos que a Vila Nova do Campo Maior de Quixeramobim, por lei imperial sob o n. 770, de 14 de agôsto de 1856, goza os foros de cidade.

E, fato curioso, o seu primeiro juiz municipal foi o Dr. Francisco de Assis Bezerra de Menezes, depois desembargador, pai de um dos ilustres homenageados de hoje.

*
* *

A tarefa que me cometeu a comissão organizadora desta solenidade é de tal porte que me esmaga os ombros e me confunde. Não na pude rejeitar por ser filho desta terra, a quem muito quero, ainda que dos mais humildes e apagados. E o cometimento tão árduo e difícil que não é muito que daqui saia eu desiludido de mim mesmo, por versos desenganados do orador!

(*) *Quixeramobim comemorou a 14 de agôsto do corrente ano o primeiro centenário de sua elevação a cidade. Na Sessão Magna realizada no salão nobre da Câmara Municipal daquela cidade, o nosso consócio Dr. João Saraiva Leão pronunciou esta oração.*

*
* *

A Prefeitura de Quixeramobim, num gesto que chamo educacional e inteligente, quis, no solenissimo dia de hoje, inaugurar uma galeria de alguns filhos dêste rincão, que se distinguiram pela cultura intelectual, pela ação patriótica, pela interferência marcante nos destinos do Estado e da Igreja. E digo educacional, porque é educar o povo fazê-lo conhecedor dos seus homens insígnes, da história da sua gleba. É, ademais, incentivo para a alfabetização, porque desperta o desejo de conhecer, de ilustrar-se, de querer participar dos banquetes gostosíssimos do espírito. Ainda que educação não seja só alfabetização, a alfabetização, incontestàvelmente, é caminho aberto à educação. E o máximo problema, não só nosso particularmente, mas de todo o Brasil, é o da educação.

Miguel Couto, vulto inconfundível da medicina brasileira e sociólogo notável, numa conferência na Associação Brasileira de Educação, parodiando os Trapistas que, no seu mutismo obrigatório, só têm o direito de falar quando se encontram, para dizer, secamente, um ao outro: pensai na morte, irmão, êle, parodiando-os embora, ao contrário daqueles frades, no meio do tumulto, da tribuna, bradou: pensai na educação, patrícios!

Abelardo Montenegro, o jovem sociólogo nosso, em recente e magnífica monografia, VARIAÇÕES EM TÔRNO DA DEMOCRACIA, mostra, à sociedade, que o que está arruinando o nosso colosso é a falta de educação. E assevera: "Os nossos governantes nunca deram muita importância à educação popular". Mais: "A democracia brasileira é o resultante do nível mental e material da massa eleitoral. E nós sabemos muito bem qual a composição dessa massa que, em parte sensível, mal sabe ler e escrever". Ainda: "O fortalecimento da democracia depende da instrução, educação e elevação do nível de vida das populações. Só então teremos povo e, conseqüentemente, opinião pública. Só então teremos democracia, já que esta é o govêrno do povo, pelo povo e para o povo".

Odilon Braga, na Assembléia Legislativa Nacional, em 1934, afirmava, segundo o mesmo autor, "que não é a democracia que entrou em crise, mas a sua técnica estatal. No Brasil, a prática do regime democrático ainda mais difícil se tornava em virtude da ação de diversos fatôres, entre os quais a falta de educação do povo".

Educar o povo é, pois, dever precípuo dos dirigentes. E a Prefeitura de Quixeramobim, nesta festa cívica, na inauguração dos retratos desta plêiade egrégia pelo saber, pela projeção social, está dando uma lição de educação que, partida do Centro do Ceará, do seu coração, se irradiará a sua periferia, quiçá fora do Estado.

A maior parte dêstes homens que vos vou apresentar é de tempos afastados ,dos meados do século passado. E todos êles, para educar-se, para instruir-se, para projetar-se na sociedade, tiveram que lutar muito. A falta de transportes fazia-os padecer viagens longas e penosas, em dorsos de animais, daqui a Fortaleza e, mais ainda, daqui até o Recife, aonde iam à procura de saber, à procura de educar-se. E os velhos donos das fazendas, na maior parte semi-analfabetos, compreenderam o valor da instrução e da educação, maior riqueza que um pai pode herdar aos filhos.

Quantas famílias humildes, desconhecidas, obscuras, que se fizeram notórias pela glória do filho que se educou e que se instruiu! E, hoje, quando tudo é mais fácil, quando as vias férreas ligam todo êste interior à Capital, quando os automóveis e os aviões encurtam as distâncias e o país todo é devassado, e quando o homem, mais do que nunca, para vencer, precisa de ilustrar-se e de educar-se, hoje não se compreende

que ainda haja analfabetos, mesmo entre a classe pobre e sofredora, a não ser, realmente, por culpa dos dirigentes do povo.

Patrícios meus, atentai bem na história dêstes varões famosos, dêstes nossos irmãos que aqui nasceram, (e é por isso que, sempre, achei esta terra boa para nascer-se!) e que daqui saíram, quais outras bandeirantes, em busca de tesouros, tesouros bem mais valiosos do que o ouro, e a esmeralda, e o diamante, em busca do eldorado da educação e da instrução.

Conheçamo-los pela ordem cronológica:

ANTÔNIO PINTO DE MENDONÇA, filho do cônego Antônio Pinto de Mendonça, nasceu a 3 de dez. de 1839 e faleceu a 31 de maio de 1900, na Capital da República, onde residia.

Era bacharel em Direito pela Faculdade do Recife. Sua influência política fê-lo deputado provincial e geral. Homem de grandes méritos intelectuais, jornalista afamado e orador fluente, que mereceu, no Rio, aplausos veementes e Afonso Celso, em um dos seus livros, cita-o como grande tribuno.

Quando no Ceará, colaborou no "A Constituição", órgão conservador, e na "Ordem", em Baturité.

Foi, como vistes, em traços rápidos, por ser-lhe escassa a biografia, um quixeramobiense que elevou bem alto o nome da terra que lhe foi berço.

ANTÔNIO BEZERRA DE MENEZES, filho do Dr. Manuel Soares da Silva Bezerra, homem de letras, conhecedor profundo do latim e do vernáculo, e d. Maria Teresa de Albuquerque Bezerra, nasceu a 21 de fevereiro de 1841 e faleceu, em Fortalza, a 28 de agôsto de 1921.

Conheci-o ainda, em Fortaleza, já velhinho, mas vibrátil e loquaz. Assisti, meninote, a uma festa cívica em que Antônio Bezerra, entusiasmado, subiu à tribuna e, qual um adolescente, na plenitude do seu patriotismo, fêz vibrar, com a sua palavra de fogo, todo o vasto auditório.

Estudioso das ciências naturais, no seu livro VIAGENS AO NORTE DO ESTADO mostra conhecimentos de biologia, astronomia, mineralogia, etc. Historiador de renome, poeta inspirado e prosador fluente, colaborou em quase todos os jornais, não só do Ceará, mas em Manaus, onde morou e fêz nome. Lá escreveu o livro "O CEARÁ E OS CEARENSES", em capítulos, no jornal "Pátria", que dirigiu. Nêle descreve as dores e penas sofridas pelos cearenses desde a saída do pôrto do Ceará até aquela Capital. E mais o dantesco da vida dos miseráveis, no Inferno Verde. São palavras suas: "A vida de um homem nos seringais vale tanto quanto a de uma anta, a de um jacaré, a de uma jibóia, se é que não valha menos porquanto êsses animais a todos infundem mêdo, que êle não".

Combate, com veemência, a maneira de tratarem êsses coitados, que deixavam a terra e o lar para, com a sua bravura e o seu braço, desbravarem aquelas selvas e plantarem uma civilização.

Era tendência sua estar sempre ao lado dos desprotegidos, protegendo-os, procurando minorar-lhes os sofrimentos, amparando-os.

E foi assim que o seu vulto mais se avolumou e se perpetuou em nossa história como abolicionista. Era um dos mais valentes e intrépidos da LIBERTADORA, classificada por êle "a associação que realizou o mais glorioso ato da vida desta Nação". Quando João Cordeiro, num gesto de desespêro, na Sala de Aço, sacou, da cava do colête, o punhal pontiagudo e ameaçador e vibrou-o sôbre a mesa, onde ficou a balançar sinistramente, e disse: "Meus amigos, exijo de cada um de nós um juramento sôbre êste punhal, para matar e morrer, se fôr preciso, em bem da abolição dos escravos", pediu que quem não tivesse coragem que saísse. Saíram onze. E, entre os nove que ficaram, lá estava Antônio Bezerra para o que desse e viesse, corajoso e forte. Pesar de ad-

vertido de que devia andar armado por temerem que os escravistas o matassem, nunca se intimidou. Ao contrário, perlustrou os sertões na propaganda arriscada e perigosa da Abolição. E falava nas praças, e escrevia nos jornais, e libertava os desgraçados negros, aos quais abraçava e chamava de irmãos.

Foi fecunda a sua ação, e o Ceará todo, e o Brasil todo deve a êste quixeramobiense uma dívida sagrada de gratidão imorredoira.

Antônio Bezerra, diz Andrade Furtado, "foi um veterano dessa cruzada esplêndida em prol da pessoa humana, empenhada pela palavra e pela ação no êxito de tão justo certame". E Antônio Furtado: "Orador, inebriava, incendiava as multidões, flamejando-lhes, como espelho ustório, da sua tribuna, os corações já vibrantes de fraternidade e de amor..."

Jornalista, levava aos páramos distantes tôda a vibração interior do seu ser eleito, de corpo e de alma e de sempre e de contínuo, arroubado no Ideal da Redenção.

ISRAEL BEZERRA DE MENEZES, irmão do precedente, nasceu a 16 de março de 1845 e faleceu a 10 de fevereiro de 1921.

Não era homem de letras, mas um exaltado patriota, herói da guerra do Paraguai, para onde foi como simples voluntário, e chegou ao pôsto alto de Tte. Coronel. O pôsto de major, porém, foi o que lhe aderiu à personalidade, e ficou, sempre, até à morte, chamado Major Israel.

Conheci-o ainda válido, numa velhice sadia, alma de moço, vibrátil, inesquecido das suas proezas nos campos da grande guerra. Prendia com a sua palestra viva, interessante, pinturesca. Em seu derredor ninguém falava, só êle, gesticulando, esfuziando chistes, atraia a atenção de todos. E era um valente de verdade, o Major. Uma feita, na Praça do Ferreira, após a deposição de Franco Rabelo, vi-o, sòzinho, de pé, enfrentar a cavalaria, que investia contra o povo, e fê-la recuar.

Quando, a 28 de janeiro de 1865, chegou ao Ceará a notícia da declaração de guerra do Paraguai ao Brasil, da Repartição dos Correios, onde teve a nova, sem mais delongas, sem comunicar aos pais, num impulso patriótico, dirigiu-se ao Palácio do Govêrno e, ao então Presidente Lafaeite Rodrigues Pereira, deu o seu nome como primeiro voluntário cearense à guerra. Aceito com desvanecimento pelo Presidente, foi incumbido de angariar adeptos. No mesmo dia organizou uma passeata com a qual obteve 53 adesões. Poucos dias depois, percorria as localidades de Messejana, Soure, Maranguape, Pacatuba e Baturité, na propaganda bélica para aumentar o número de voluntários. Alistou 500, os quais, logo e abril, seguiram com êle para o Rio, sob o comando do Cel. José Nunes. Chegado ao Rio, foi nomeado tenente. Começou a ascensão do voluntário. Partiu para o campo da luta. Logo que acampou no forte de Itapura, nomearam-no instrutor dos corpos 46 e 51, honra só a êle concedida e registrada nas ordens do dia do Exército. Atravessado o rio Paraná, a 16 de abril, entrou em combate no dia seguinte e nos de 20 e 24 de maio, onde se distinguiu e foi elogiado, e recebeu a condecoração da Ordem de Cristo, para mais logo, nos combates de 16 e 18 de julho, ser agraciado com o Hábito da Rosa. Tomou parte integrante nos arremessos de Curuzu e Curupaiti. E, fato para destacar-se, nas vésperas da investida de Curupaití tinha baixado ao hospital, mas, sabendo que o ataque se realizaria no outro dia, pediu alta por não consentir que a sua companhia fôsse comandada por outro.

A 18 de agôsto, promovido a capitão. Atacado pelos paraguaios em TUYUTI, foi gravemente ferido. E as feridas gloriosas mais o incentivaram. Perseguiu o inimigo na retirada de Humaytá. Combateu em Itororó, Avahy e Lomas Valentina. Por seus feitos nessas escaramuças, em ordem do dia, foi elogiado e condecorado com a Medalha do Mé-

rito. A 12 de setembro de 1868, escolhido para comandar a tropa que devia atacar Peribebui, foi êle o primeiro a escalar o forte, lutando de arma branca, de cujo feito saiu ferido.

Após a morte de Solano Lopez, promovido a major e condecorado com a Cruz de Bronze de Campanha pelo Govêrno Brasileiro e com as Medalhas da Campanha pelas Repúblicas Argentina e Oriental. Quando da inauguração da estátua de Osório, promoveram-no a Tte. Coronel.

Êste autêntico herói, meus senhores, saíu desta cidade, é nosso patrício, e há muito Quixeramobim devia ter-lhe prestado homenagem condigna. Israel Bezerra faz jus a um bronze, em uma destas praças. A Prefeitura Municipal, hoje, de qualquer forma, diminuiu a dívida para com o filho preclaro.

AFONSO DE ALENCASTRO GRAÇA, filho do Conselheiro José Pereira da Graça, Barão do Aracati, e D. Maria Adelaíde de Alencastro Graça, nasceu a 6 de março de 1849 e faleceu, em Montreux, na Suiça, em 1913.

Chegou, na sua bonita carreira militar, ao almirantado. Ingressou, em 1865, na Escola Militar e, durante o curso, distinguiu-se, sempre, como o primeiro entre os colegas. Aspirante, ofereceu os seus serviços na esquadra que operava no Paraguai. Sempre ascendente a sua carreira, exerceu todos os postos desde guarda-marinha até Vice-Almirante, em atividade, em 1911. E, no mesmo ano a 28 de dezembro, foi, a pedido, reformado como Almirante.

Condecorado com as Medalhas da Campanha do Paraguai e do Uruguai, e as do mérito militar. Como 2º. Tenente, diz-nos Barão de Studart, lecionou história e técnica naval, hidrografia e direito internacional à turma de guardas-marinhas, de 1871 a 1872, em viagem aos Estados Unidos e à Europa. Como 1º. Tenente, professor de direito internacional nas viagens de instrução realizadas nas corvetas *Vital de Oliveira* e *Niterói, em* 1871 e 1880.

2º. comandante dos cruzadores *Almirante Barroso* e *Guanabara* e imediato dos encouraçados *Javary* e *Riachuelo* em esquadra de evolução, sob o comando do Barão de Jaceguay. Comandou a canhoneira Marajó, na qual fêz o serviço sanitário dos portos de Vitória e da Bahia e procedeu às sondagens no mar dos Abrolhos. Inspetor do Arsenal da Marinha, da Bahia e vice-inspetor do Arsenal de Marinha, do Rio. Quando promovido a capitão de mar e guerra, foi nomeado comandante da flotilha de Mato Grosso, na qual estêve de 12 de outubro de 1894 a 11 de março de 1895. "De muitas das suas comissões apresentou relatórios a seus chefes; e dêsses e do Govêrno Imperial recebeu elogios calorosos e frequentes por seu zêlo, proficiente atividade e dedicação ao serviço. Ainda condecorado pelo Govêrno Imperial com a insínia de Cavaleiro de Aviz e pelo Govêrno Provisório com o oficialato da mesma Ordem, em paga dos seus serviços prestados à Pátria".

Aí está, meus senhores, um quixeramobiense dos qual a grande maioria dentre vós nunca ouviu falar. E, como acabais de ouvir-lhe a história recheada de patriotismo, ficastes certos de que foi um grande, um nome que não pode ficar no olvido.

FRANCISCO DE ASSIS BEZERRA DE MSNEZES, filho do Desembargador Francisco de Assis Bezerra de Menezes e de D. Maria de Sousa Bezerra, nasceu a 6 de maio de 1854 e faleceu, em Fortaleza, onde residia, a 11 de abril de 1921.

O Dr. Bezerrinha, como lhe chamavam, era um espírito brilhante, de agilidade incomum. Conta-se que, no Recife, quando aluno de Direito, fiado, de certo, no talento, não estudava muito e, no fim do ano, os condiscípulos alquebrados, êle, na plenitude das suas fôrças, revia os livros, repassava os pontos em leitura célere e, na banca de exames, sobrepujava a todos, com notas distintas.

Formou-se a 13 de novembro de 1877. No mesmo ano foi nomeado promotor de São Francisco de Uruburetama. No ano seguinte, assumiu a promotoria de Canindé e a exerceu até 1879, quando tomou posse da vara municipal. E por lá mourejou até 1886. Deputado provincial no biênio de 1888 a 1889. Na Câmara féz oposição aos governos Caio Prado e Henrique Ávila, primeiro delegado do gabinete liberal, no Ceará. Eleito senador estadual até 1899, quando foi dissolvida a corporação.

Abandonou, enfim, a magistratura e veio morar em Baturité, dedicando-se a advocacia. Em começos do século, mudou-se para Fortaleza, onde continuou como advogado, em cuja carreira foi expoente máximo. Em 1903, ao criar-se a Faculdade de Direito, da qual foi fundador, ocupou a cadeira de Direito Constitucional.

Na tribuna do júri, pela versalidade do seu espírito, pela sua palavra fácil que esgrimia com mestria, a todos levava de vencida e, dificilmente, o réu sob a sua proteção não era absolvido. Tinha o poder persuasivo e a faculdade, particularíssima, de desfazer os argumentos alheios, partissem êles dos mais doutos.

Andrade Furtado, outro quixeramobiense de valor inexcedível, que todos conheceis, ex-aluno do Mestre, vai, com a sua palavra colorida e forte dizer-vos, melhormente quem foi êle. Oiçamo-lo: "Francisco de Assis Bezerra de Menezes fazia das suas preleções, em linguagem límpida e cachoeirante, as delícias de quem o ouvisse. Tornava a oratória, como pela influência de um feitiço, a mais linda e ágil das manifestações da Inteligência.

Era a palavra que esgrimia, em ímpetos empolgantes, arma destra e radiosa, a serviço da nobilíssima profissão de ensinar.

Nunca haveremos de esquecer os lampejos admiráveis da sua dialética, a doutrinar e persuadir, fazendo que assuntos, ainda os mais vulgares, se revestissem das galas opulentas que sòmente a magia do seu verbo dominador tinha recursos para ostentar.

Queremos, aqui, dar o testemunho autorizado de notável sumidade jurídica e preclaro humanista, o professor José Carlos de Matos Peixoto, o qual, advogando com todo empenho uma causa no Fôro de Fortaleza, tinha como antagonista o seu lente de Teoria e Prática do Processo Civil, Comercial e Criminal. Preparada cuidadosamente a defesa, não via uma brecha nos autos por onde o seu temível contendor pudesse penetrar na cidadela onde se acastelavam as suas fortes razões.

Qual não foi, porém, a sua surprêsa, quando o experimentado e insinuante causídico, assumindo, em última instância, a tribuna para sustentar, oralmente, o arrazoado escrito, brincou com os seus argumentos, retirou dêles tangentes imprevisíveis, examinou o caso à luz de facêtas que surpreendiam ante a sutileza dos argumentos, impondo-se sobretudo, pelo fascínio da eloqüência com que chegava às conclusões".

E, afirma, ainda, o testemunho insuspeito do Prof. Matos Peixoto: Foi o maior vulto da tribuna judiciária que conheci.

Não ficou aí, continua Andrade Furtado, o depoimento do Prof. Matos Peixoto. Fixando residência na Metrópole Brasileira, onde abriu escritório de advocacia, quis pôr à prova o seu juízo sôbre o saudoso e querido professor da Província. Foi, propositadamente, na primeira oportunidade que se lhe ofereceu, ouvir os mais famosos oradores da época, no Forum da Capital Federal. Não encontrou ali, onde fulgem notabilidades de extraordinária fama, um expoente da arte de bem falar que atingisse a altura onde pairou essa águia de possantes remígios, nas alcandoradas amplitudes do Pensamento".

Homem como êste, meus senhores, exalça a terra em que nasceu e a dignifica. E os seus patrícios devemos ufanar-nos de tão grande glória.

BENJAMIM LIBERATO BARROSO nasceu a 31 de março de 1859 e faleceu a 17 de outubro de 1933. Eram seus pais Joaquim Liberato Barroso e Joana Nogueira de Sousa.

Foi homem de grande projeção na vida política do Ceará.

Quando da deposição do General José Clarindo de Queiroz, em 1892, assumiu êle, como Major do Exército, as rédeas do Govêrno, em 18 de janeiro do mesmo ano, por ser o vice-governador. E, como a História sempre se repete, haveria de ser êle, na deposição do Coronel Franco Rabelo, genro do General Clarindo, quem assumiria o govêrno, desta vez eleito a 15 de maio e empossado a 24 de junho do mesmo ano.

Clarindo de Queiroz e Franco Rabelo foram vítimas do desrespeito do Govêrno da União à Constituição.

Raimundo Girão, em sua História do Ceará, diz-nos "que o General Clarindo foi deposto violentamente pelos alunos da Escola Militar e parte da tropa federal, porque não aceitara o *convite*, que lhe dirigira Floriano Peixoto para deixar o cargo. Ainda: "Embora contasse com o Congresso do Estado, com a maioria da imprensa, com a maioria dos oficiais do 11. Batalhão do Exército e as simpatias populares, foi alvo o general da indisfarçável pressão do Govêrno Federal, a princípio chamando-o ao Rio com urgência, a título de serem necessários os seus serviços militares ali, logo mais, porque não anuisse, intimando-o a abandonar a presidência".

Franco Rabelo teve a mesma sorte. O govêrno de Hermes da Fonseca negou-lhe pão e água. Negou-lhe, ainda segundo Raimundo Girão, licença para despachar armas na Alfândega e não consentiu que transportasse as tropas na Estrada de Ferro.

"Apertado o cêrco, diz o mesmo historiador, o Presidente da República estendeu sôbre o Ceará o clima pesado do estado de sítio, para, no golpe último, decretar a intervenção, anulando, dêste modo, os poderes executivo e legislativo do Estado, que passaram a ser exercidos pelo Coronel Setembrino de Carvalho, nomeado interventor".

Assumindo, nssa conjuntura, o govêrno do Estado, o Coronel Benjamim Liberato Barroso procurou, na situação dificílima em que nos encontrávamos, harmonizar as dissidências, equilibrar o estado de cousas, após uma revolução que perturbou, profundamente, a vida do Ceará.

A sua ação mais eficaz, porém, e mais enérgica e mais acertada foi a extinção do cangaceirismo, que infestava o sul do Estado, de forma alarmante. A sua polícia deu guerra de morte aos bandoleiros, que não mais encontraram clima propício para as tropelias. E o Ceará entrou em nova época de paz e de trabalho.

Deve-se, pois, ao grande patrício nosso êsse bem inestimável.

QUINTINO RODRIGUES DE OLIVEIRA E SILVA, filho do fazendeiro Antônio Rodrigues da Silca e de D. Maria Rodrigues Baptista Paz, nasceu em Salgadinho, dêste Município, a 31 de outubro de 1863 e faleceu, no Crato, a 28 de dezembro de 1929.

De família humilde, foi êle criado e educado por Cândido Moreira, que ainda conheci, aqui, como maestro de uma das bandas de música locais, e, em tempos mais recuados, foi juiz substituto. Quintino era-lhe como filho e, mais tarde, o seu orgulho.

Alfabetizou-se nesta cidade e, logo, ingressou no Seminário de Fortaleza, onde se ordenou, a 19 de julho de 1887.

Coadjutor em Missão Velha, de setembro de 1887 a junho de 1889, quando foi nomeado vigário de Iguatu, onde permaneceu apenas um mês. Abriu, com outros colegas, um Seminário menor em Crato, onde lecionou latim, português e francês, até 1891, quando o referido Seminário se fechou. Reabriu-o, em fevereiro de 1893, por ordem do então bispo do Ceará, D. Joaquim José Vieira, e dirigiu-o até 1897.

Em maio de 1900 substituiu Monsenhor Antônio Alexandrino de

Alencar no vicariato da freguesia do Crato. Auxiliou a fundação do Colégio São José e a do jornal "A Cruz", também em Crato.

Foi agraciado com o título de Monsenhor Camareiro de honra *extra urbem* por Dec. de 27 de janeiro de 1912. Recusou a mitra do Piauí. Mas, ao fundar-se a nova Diocese do Crato, foi escolhido para seu 1º. Bispo, pôsto que exerceu por vários anos, até à morte.

D. Quintino era um homem ilustrado e um dos grandes Bispos do Ceará por seus aprimorados dotes de espírito e de coração.

Quixeramobim ufana-se do grande filho que, humildemente e pobre sertanejo, chegou ao principado da Igreja.

ÁLVARO OTACÍLIO NOGUEIRA FERNANDES, filho do Dr. Cornélio José Fernandes, médico humanitário e bom, e de D. Maria das Dores Nogueira Fernandes, nasceu a 14 de setembro de 1873 e faleceu, em Fortaleza, a 8 de janeiro de 1953.

O Dr. Álvaro Fernandes, como era chamado, foi conhecido vosso, viveu em nossos dias e destacou-se pelo brilho do seu talento de escol, pela cultura humanística e científica do seu tempo.

Álvaro falava de todos os assuntos com proficiência e elegância. Os seus trabalhos escritos eram modêlo de estilo. Era um ático.

Começou de distinguir-se no curso médico, no Rio, onde o grande mestre Francisco de Castro, um dos luminares da medicina brasileira, acolheu-o com especial carinho e o considerava o melhor dos discípulos. E insistiu para que êle ficasse no Rio e se candidatasse a uma das cadeiras daquela Faculdade. Na verdade, Álvaro Fernandes seria um grande professor. Qualidades, tinha-as êle sobejas. Mas, apesar do seu talento, da sua cultura filosófica e mesmo médica daquela época, era um tímido. Preferiu voltar à terra e, em Fortaleza, exerceu, por vários anos, a clínica, na qual pontificou como expoente máximo.

A estreiteza do ambiente, a falta de estímulo para o trabalho científico fê-lo perder o entusiasmo pela carreira e ingressou na política. Foi deputado federal. Perdeu, depois, o mandato. E, desgostoso, e decepcionado, e sem coragem, talvez, para continuar a luta como médico, exilou-se naquele sobradão desta praça de Santo Antônio, só, neste meio hostil, absolutamente incompatível com aquêle espírito e com aquela inteligência. E aquêle que deveria de ter sido professor de medicina, no Rio, tornou-se o médico de interior, simples, sem ambições. E médico porque não poderia deixar de sê-lo, em um lugar onde não havia médico. Era dever seu atender a doentes. E nunca deixou de fazê-lo. Mas ao que, na verdade, se propusera foi a fazendeiro. E ninguém conheceu mais, cientìficamente, aqui, a pecuária do que êle.

A sua tese de doutoramento, sob o título "Moral Insanity", foi um tratado. Disse dela o Barão de Studart, também médico: "É uma obra esta que sai fora do molde comum em que se vasam, em geral, tôdas as teses, pela originalidade e elevado ponto de vista científico sob que foi concebida.

Raramente tem saído das nossas academias um moço tão altamente preparado em ciência como o sr. Álvaro Fernandes, cuja erudição filosófica é verdadeiramente extraordinária para a sua idade de pouco mais de 20 anos".

Êste o depoimento daquela época.

A tese foi dedicada ao pai e à pátria. Destaco êstes tópicos do ofertório: "O amor da Pátria é a extensão do amor do filho, que se alastra, quando o novo rebento vem substituir o tronco antigo, que vicejava no solo nacional; é, pois, uma aplicação, uma fase nova na afetividade das gerações, a quem se encarrega a direção do território nativo.

O amor de filho, que se torna pai, transforma-se em sentimento pátrio.

E ao pai: "Como vós, por um natural exemplo, também segui a profissão médica da qual não me canso de proclamar a superioridade, a infinita e descomunal grandeza.

E, para que se complete a minha aspiração na vida, basta que o juízo rigoroso do mundo ampare a sorte do meu nome com essa mesma justiça unânime e grata que há trinta anos, abençoa o vosso imaculado sacerdócio".

Além de médico, um estudioso do nosso homem e da nossa terra. "Efetivamente, diz êle, em *Fisiognomia Regional de nossa gente a traço rápido*, efetivamente, desde as tradições que remontam a períodos anteriores à historiologia contemporânea, até às aquisições vigentes da arqueologia, desde as versões de Strabão e das escolas filosóficas de Atenas, as investigações hodiernas de paleontologistas como Guilherme Lund, tudo nos conduz a relacionar a fonte original de nossa raça às populações longínquas das terras orientais".

Num discurso de recepção que fêz a Washington Luís, em 1926, mostra-se conhecedor dos fenômenos das sêcas e sugere medidas que o govêrno devia tomar para salvar o povo. Oiçamo-lo: "A medida máxima, fundamental, capaz de transformar o Ceará num verdadeiro celeiro egípcio das idades antigas, é o aproveitamento científico da bacia do Jaguaribe, êsse Nilo providencial de nossa amada terra".

Noutro discurso a Matos Peixoto, quando presidente do Estado, manifesta-se um economista: "A Linguística nos revela que Economia não quer dizer parcimônia, frugalidade, sobriedade e, muito menos, sovinice, somiticaria e avareza, mas boa ordem, seguro cálculo no emprêgo, na colocação produtiva dos bens domésticos ou do Estado, o que vale dizer, sua aplicação utilitária, como fatôres ou instrumentos da produção das riquezas, cujo segrêdo não está na poupança, mas na circulação dos valores, que se multiplicam e que se transformam, por fim, na capitalização dos rendimentos".

Penso que, pela forma literária dêsse tópico que acabais de ouvir, Rui Barbosa, de bom grado, se responsabilizaria.

Era, como vistes, onímoda a erudição de Álvaro Fernandes, incontestàvelmente um dos maiores filhos não só de Quixeramobim, mas do Ceará.

Desgraçadamente, porém, nos últimos anos da sua vida, (cousas do Destino!) obnubilou-se-lhe o privilegiado cérebro, acometido por tremenda esclerose, que o deixou apático, indiferente, alheio a tudo que o cercava. Foi doloroso: apagou-se-lhe, ainda em vida, a chama coruscante daquele grande espírito.

ANTÔNIO FURTADO BEZERRA DE MENEZES, filho de Antônio Furtado Bezerra de Menezes e de D. Mathilde Alice Bezerra Furtado, nasceu a 14 de junho de 1893 e faleceu a 20 de agôsto de 1939, em Pirapora, Maranguape.

Antônio Furtado foi uma das mais brilhantes e fortes cerebrações da sua geração, senão do Ceará. Tinha, por vêzes, lampejos geniais. Desde menino aferrou-se aos livros com tal empenho e com tanta firmeza que não houve abandoná-los até a morte. E, quando os meninos coevos seus, em Baturité, onde residíamos, ou na época invernosa, aqui, em Salva Vidas, brincávamos, êle, isolado, longe do bulício da garotada desenfreada, trabalhava o seu futuro. E tão aplicado e tão dedicado às letras era que o pai, prevendo-lhe o êxito, o mandou logo, em tenra idade, para Canindé, onde havia, então, o famoso colégio dos Capuchinhos. Lá distinguiu-se, de pronto, dos condiscípulos e saiu laureado.

Em Baturité, adolescente, começou de lecionar, num curso que fundou, humanidades, em que era versado. E principiou de escrever em um jornal da terra, sob a direção do farmacêutico Joaquim Matos. Se me não falha a memória, seu primeiro artigo foi sôbre a morte de Euclides da Cunha, a quem venerava.

Mais tarde, mudou-se para Fortaleza, sòzinho, desajudado, e iniciou-se, como professor, no colégio do grande educador Joaquim Nogueira. Lecionava e estudava com a ambição única de saber.

Frequentou o Curso de Ciências e Línguas dirigido por Soriano de

Albuquerque, Antônio Augusto de Vasconcelos e Antônio Arruda. Ingressou na Faculdade de Direito, onde se bacharelou em 1916. Em 1921 fêz concurso para catedrático de Direito Judiciário Civil.

Magistrado no Acre, exerceu os cargos de Juiz Federal, substituto, Juiz Seccional, Juiz Municipal e Promotor de Justiça. Suas sentenças eram peças que foram elogiadas no Supremo Tribunal pelo muito que encerravam de saber jurídico.

Na literatura destacou-se como poeta e prosador. "Seus versos, diz Dolor Barreira, eram persasianamente trabalhados, verdadeiras obras de arte. Saiam-lhe da pena como o diamante das mãos do lapidário: polidos e repolidos". Prosador, estilista emérito das páginas admiráveis de *O Judas, Idéia Fixa, Padre Estêvão, Os Jagunços, Eva* e outros esparsos pela imprensa. Em Direito, escreveu *Ensaios de Filosofia e Direito, A Família e o Casamento* e mais cousas que não pude pesquisar pela angústia do tempo.

Com o pseudônimo de Gayo Pisão escreveu uma série de artigos que apelidava de *esmulambação*. Eram verrinas causticantes, prenhes de humor e sarcasmo.

Otávio Lôbo, após a sua morte, traçou-lhe êste perfil admirável que lhe retrata o psico-somático. Se Lôbo lhe houvesse suprimido o nome, quem tivesse conhecido o Furtado, ao lê-lo, descobri-lo-ia, fatalmente.

Vejamo-lo: "Quem o visse naquele andar tumultuário, de olhar impreciso, sobraçando grande pasta, no desalinho de indumentária que nunca se lhe ajustava, falando aos gritos e gesticulando aos solavancos, tinha a impressão de um redemoinho vivo.

E era mesmo.

Parado, nas rodas de *café*, parecia um tufão: verbo-motor esfuziante, tecendo prosa esquisita, temperada de verve e brilho, de cáustico e chiste, defendendo, em dó de peito, qualquer dogma romano, e sagitando de ironias um inimigo qualquer...

Para fazer-lhe a psicologia, bastava examinar-lhe a inefável pasta de advogado: preciosa confusão de documentos, folhetos, revistas e livros onde dormia, no fundo, um crucifixo de alumínio. Era uma figura esdrúxula de cavaleiro andante, único no século, disparado em defesa da sua ilusão, como um impulso de flecha.

Nêle tudo era desmedido: inteligência, imaginação, cultura. O elogio, o afeto, o ataque.

Ás vêzes, um raio de trevas riscava-lhe, de súbito, o espírito, e o Furtado, estampando na fisionomia o trauma interior, fechava-se num mutismo de estátua, indiferente, baço, impermeável.

Essa calmaria dalma durava-lhe meses. Era uma espécie de hibernação das suas faculdades mentais. E, dizia-me êle, então, sentia um denso nevoeiro nas idéias, na vontade e no humor.

Mas, eis que, de repente, rompia, da cápsula férrea daquele retraimento, uma explosão: era o antigo e mesmo Furtado. E se atufava, prestes, rua afora, todo movimento, articulado em mil gestos diferentes, chispando, em palestra, pedrarias de fino lavor e fagulhando enorme cultura, e gargalhando um sarcasmo tão rude como sua áspera risada".

Eis aí, tal qual era, o homem e o seu incomparável talento.

A escolha do seu nome para enriquecer esta galeria não podia ter sido mais adequada. Rende, assim, Quixeramobim um preito de veneração ao ilustre dentre os mais ilustres dos seus filhos.

*

* *

Aqui está, senhores, nesta galeria, um grupo de varões conspícuos aos quais a Prefeitura de Quixeramobim e o povo prestam, hoje, esta

homenagem sincera e justa, por haverem êles elevado e dignificado o nome da sua terra, quer nas labutas incruentas do espírito, quer na defensão da sociedade, quer nos sangrentos campos de batalha.

*
* *

Ao sr. Prefeito de Quixeramobim, Luís Almeida, que teve a fortuna rara de presidir às duas festas seculares e que lhes deu cunho de patriotismo e de elevada visão administrativa, à Câmara Municipal, que endossou os atos do Sr. Prefeito, a Ismael Pordeus, o já famoso estudioso da nossa história regional e incansável orientador de tôdas essas celebrações, os quixeramobienses vimos trazer-lhes, neste momento singular que se não repetirá mais para nós, os nossos aplausos, o nosso comovido agradecimento, que são os agradecimentos enternecidos e os aplausos calorosos da mesma terra comum.

Muito obrigado.